

**RELATÓRIO FINAL DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO:
DA CAMPANHA AO GABINETE DE PREFEITO**

Camila Garcia da Silva

**FLORIANÓPOLIS
FEVEREIRO DE 2013
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	5
2.0 PROCESSOS DE PRODUÇÃO	7
2.1 DA CAMPANHA AO GABINETE DE PREFEITURA	7
2.2 O PODER DAS REDES SOCIAIS	9
2.3 UM PROFESSOR NO PLEITO ELEITORAL	10
2.4 TEORIA E PRÁTICA NAS PESQUISAS ELEITORAIS	10
2.5 “MINHA LUTA POR FLORIPA NÃO ACABA AQUI”	12
2.6 APOIO FAMILIAR AJUDA NA CONQUISTA DO ELEITOR	13
2.7 CAMPANHAS BATEM RECORDE DE GASTOS	15
2.8 NOVO SECRETERAIADO E JOGADAS POLÍTICAS	16
3.0 DIFICULDADES, DESAFIOS, APRENDIZADO	17

“Não existe meio de verificar qual decisão é acertada, pois não existe termo de comparação. Tudo é vivido pela primeira vez e sem preparação. Como se um ator entrasse em cena sem nunca ter ensaiado. Mas o que pode valer a vida, se o primeiro ensaio da vida já é a própria vida? É isso que leva a vida a parecer sempre um esboço. No entanto, mesmo *esboço* não é a palavra certa, pois um esboço é sempre o projeto de alguma coisa, a preparação de um quadro, ao passo que o esboço que é a nossa vida não é o esboço de nada, é um esboço sem quadro.”

Milan Kundera.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, mais que qualquer um, pelo apoio psicológico e financeiro que me deram durante os quatro anos e meio que passei na faculdade. E aos meus irmãos, que presenciaram todas as minhas crises de identidade e dúvidas.

Sou grata — agora e eternamente — as duas famílias que possuo: a biológica e a que escolhi.

Aldair da Silva e Ivete Garcia da Silva;

Lauro Garcia;

Milena Garcia e Glauber Machado;

Carolina Dantas;

Cesar Soto;

Diego Souza;

Fernanda Pessoa

Helen Machado;

Marina Veshagem;

Natalia Wiedercker;

Rogério Christofolletti;

Rosângela Menezes;

Vinicius Schmidt.

1.0 INTRODUÇÃO

O tema do presente Trabalho de Conclusão de Curso nasceu uma semana antes do prazo, fruto de um quase desespero. Quando dei início à disciplina de Projetos Experimentais, tinha em mente outro projeto: um livro de perfis, feito sobre *serial killers* de Santa Catarina. Mas entre as dificuldades que o tema trazia consigo estava o acesso à Penitenciária de Segurança Máxima, em São Pedro de Alcântara, onde estavam as três fontes que eu havia previamente selecionado.

Pouco antes do dia 10 de outubro, a preocupação tomou conta: não havia mais tempo hábil para seguir adiante com o projeto original e, para não atrasar mais um semestre, sentei com meu orientador, o professor Rogerio Christofoletti, para decidir se a mudança ocorreria realmente. Para o tema, decidi pelo assunto que estampava as manchetes dos jornais diariamente: as eleições municipais de 2012, que estavam acontecendo oficialmente desde agosto daquele ano.

Para além das propostas dos candidatos, a ideia da grande reportagem era transformar as próprias campanhas eleitorais em um personagem principal. Construir um grande perfil, trazendo à tona as brigas, os conflitos entre os candidatos, o cotidiano e até mesmo a economia que uma época tão intensa como esta movimenta. Eu sabia que o tempo continuava trabalhando contra mim, já que grande parte das campanhas havia passado e que, por conta disso, a possibilidade de cobertura de

muitos fatos e eventos havia sido perdida. Entretanto, a existência de obstáculos é a principal característica de um desafio.

Eu também tinha noção de que este é um assunto recorrente: eleições acontecem de dois em dois anos e, naqueles em que não há campanhas, existem ainda as preparações (negociações entre partidos, formações de coligações, busca por apoiadores...). Capaz de gerar uma relação de amor e ódio entre jornalista e pauta, a política envolve todas as partes de uma sociedade — desde o mais simples buraco na rua até o mais complexo esquema econômico no qual está inserido o funcionamento de uma cidade. Justamente por isso, sabia que este seria um ótimo “treinamento” da vida real, como repórter.

2.0 PROCESSO DE PRODUÇÃO

O processo de produção envolve, basicamente, tudo — desde a criação do projeto, até a criação de pautas. Entretanto, como relatei antes, o tempo para elaborar o projeto que me guiaria era curto, de aproximadamente uma semana. Por isso, a pré-apuração deixou a desejar. Creio que, principalmente por causa disso, meu planejamento ficou bem diferente do resultado final.

As pautas apresentadas no projeto eram, a princípio, três. Na grande reportagem final, foram oito textos apresentados, cujos temas foram sendo definidos à medida que novos dados eram apurados. Sem ter muita noção de como ficaria o produto final, dei início às entrevistas com perguntas que iam desde a opinião pessoal sobre as campanhas de 2012 até a rotina dos candidatos, ou dos jornais e dos colunistas.

2.1 DA CAMPANHA AO GABINETE DE PREFEITO

O texto que abre a narrativa foi feito para levar ao leitor o clima que pairava nos dias que antecediam a eleição do segundo turno, realizada em 28 de outubro. Era um clima de tensão e expectativa, em que rumores circulavam com frequência. Para ter acesso aos bastidores do debate realizado no dia 26, foi necessário ligar para Mariana Montovani, uma amiga que trabalhava na parte de comunicação institucional do grupo RBS.

Ela me passou o nome e o contato de Felipe Alves, um dos encarregados por toda a parte das eleições da região da grande Florianópolis.

Uma vez lá dentro, o acesso direto ao estúdio foi negado. Só mesmo os candidatos, seus assessores, o apresentador e os três câmeras tinham permissão para entrar. Então segui conversando com o restante da equipe. Ligia Gastaldi era a editora chefe. Foi ela que me acompanhou durante toda a preparação, recepção dos candidatos e, é claro, durante o programa em si. Foi lá mesmo, durante o programa, que tive a ideia de abrir o texto com essa narrativa.

Não queria começar a grande reportagem do “início”, com datas que marcavam o começo das campanhas ou algo assim. A criação de uma cena que o leitor conhece, mas contada por outro ângulo prende a sua atenção para o que quer venha depois. Essa foi a minha principal estratégia e, para falar a verdade, a única que eu sabia que iria usar, mesmo sem saber qual cena escolheria. Acompanhei, pensando nisso, um dia de campanha de Gean Loureiro, e um dia de caminhadas de Cesar Souza Jr. Foram três ou quatro folhas de rascunhos até que acompanhei o debate e decidi por ele. Só então é que dei início aos fatos.

Por causa da minha decisão tardia de mudar o tema, todas as matérias que fiz foram muito baseadas em outros jornais e em dados oficiais do Tribunal Regional Eleitoral. Para que a

narrativa não ficasse presa apenas a dados, entrevistei o então candidato a vice-prefeito pela chapa de Cesar Souza Jr. e tentei também — embora sem sucesso — entrevistar o candidato que dava caras à chapa. Muito da minha experiência pessoal foi passada no texto. As alterações de agenda, os compromissos de última hora, reuniões inesperadas... foram dificuldades que eu tive que enfrentar para acompanhá-los e que me foram relatadas pelas equipes de assessoria.

2.2 O PODER DAS REDES SOCIAIS

O objetivo era enfatizar a importância do Twitter e Facebook como alternativa de meio de comunicação durante as campanhas, principalmente porque a TV deixou de ser considerada o meio de maior alcance. A principal ideia era usar as eleições presidenciais norte-americanas, que foram capazes de transformar o presidente reeleito Barack Obama em um mito das redes em todo o mundo, e compará-las com as municipais de Florianópolis — um cenário completamente diferente, em que os assessores ainda estão aprendendo a utilizar a rede a seu favor.

Para fundamentar a teoria de que era este realmente o cenário, entrevistei os principais colunistas de política da cidade: Moacir Pereira e Upiara Boschi, do jornal Diário Catarinense, e Paulo Alceu, do jornal Notícias do Dia, sobre a atuação das assessorias nas mídias sociais. Todas as entrevistas foram gravadas e decupadas. Entretanto, como a ideia era de uma

matéria menor, escolhi falas pequenas, também, que não exigiam tanta explicação. Por isso, pouca coisa do Moacir Pereira foi utilizada.

2.3 UM PROFESSOR NO PLEITO ELEITORAL

Ao elaborar o projeto da minha grande reportagem, a campanha estava no seu auge e o candidato Elson Pereira (PSol) ainda engatinhava na caminhada que o revelaria como a surpresa de 2012. Foi só depois que o resultado do primeiro turno saiu, que vimos o destaque que ele conseguiu com quase 15% dos votos válidos conquistados. Com isso, surgiu a ideia de perfilá-lo.

Em sua entrevista, o tema variou entre sua história de vida até sua experiência com as eleições. Foi quase uma hora de entrevista gravada com ele, e muito esforço na hora de decupar. Desde o princípio, ele me passou a mesma ideia de simplicidade e disponibilidade que tentei transmitir ao leitor. Além da entrevista, conversei com alguns de seus alunos sobre ele — ressalto aqui a capacidade de conquista que ele tem. Nenhuma das quatro alunas com quem falei soltou um único adjetivo ruim sobre Elson como professor.

2.4 TEORIA E PRÁTICA NAS PESQUISAS ELEITORAIS

Além do perfil, também esta matéria foi inspirada no *boom* de Elson Pereira, que as pesquisas falharam em prever. Este

era o cenário: dois dias antes do primeiro turno, o Ibope liberou uma pesquisa que indicava que o candidato do PSol conseguiria 6% dos votos válidos. Ele conseguiu mais que o dobro disso.

Para organizar as informações e conseguir formar uma pauta bem feita, foi necessário reunir todas as pesquisas eleitorais divulgadas pelo Ibope durante o período eleitoral e compará-las com os dados oficiais do TRE-SC, apresentados pela apuração de votos nos dias 07 e 28 de outubro. Uma vez comprovado que os resultados estavam fora da margem de erro estabelecida pelo Ibope, tracei a linha das perguntas que faria ao professor da UFSC, Pedro Barbeta, estatístico e especializado em probabilidades. A ideia era tratar do método utilizado pelos institutos e comprovar que eles estavam ultrapassados.

Entretanto, a entrevista com o professor Pedro derrubou essa minha hipótese. Ele explicou que os erros aconteciam porque a teoria era mais completa que a prática e que, certas variáveis eram impossíveis de se considerar. Então, com novas informações em mãos, passei a tentar explicar o porquê das diferenças entre os resultados de pesquisas e apurações de votos reais — na minha opinião, um assunto de grande interesse público.

A escrita foi um problema. São muitos números e porcentagem que, não raramente, confundem o leitor. Das oito matérias apresentadas, esta foi a que teve maior número de correções.

2.5 “MINHA LUTA POR FLORIPA NÃO ACABA AQUI”

Gean Loureiro concorreu às eleições de Florianópolis pelo PMDB, o maior partido de Santa Catarina, e ficou em segundo lugar. Sem saber se ele chegaria ou não ao segundo turno, aproveitei o acesso facilitado ao candidato e o acompanhei durante um dia de campanha. Entretanto, uma vez que a grande reportagem já estava em andamento, eu percebi que se focasse muito na rotina de dia-a-dia dos candidatos, o texto ficaria pouco informativo e repetitivo.

Quando vimos que Gean chegou ao segundo turno, percebemos a necessidade de ter um texto que o apresentasse ao leitor. Por isso, quando sentei para discutir com o prof. Rogerio Christofolletti sobre como abordaríamos o texto, decidimos que falaríamos sobre sua carreira política. Na hora de escrever, optei por um texto que o retratasse da mesma maneira que ele se vê — um bom candidato, com muita experiência, que se superou em sua primeira candidatura à prefeitura e, principalmente, alguém determinado a se tornar uma figura importante da política catarinense. Por isso, usei falas específicas dele que evidenciavam a primeira pessoa e o engrandeciam, numa tentativa clara de fazer com que o leitor perceba um pouco de seu ego inflado.

2.6 APOIO FAMILIAR AJUDA NA CONQUISTA DO ELEITOR

Esta foi uma pauta complicada de se fazer. Eu queria escrever sobre as estratégias de campanha mais utilizadas, principalmente na televisão e, confesso, sofri um pouco. Enviei e-mails a professores especializados em ciência política, mas infelizmente não obtive resposta a tempo. Provavelmente por causa do período de férias, já que esta foi uma pauta gerada de última hora.

Então, como precisava de um texto, tentei ater-me aos fatos, fazer uma espécie de apresentação ou releitura das campanhas. Sem uma fonte para explicar, o trabalho é duplamente difícil. Havia uma linha tênue que dividia informação de opinião... Procurei e assisti novamente os programas que foram ao ar já no primeiro dia de horário político gratuito, e descrevi boa parte deles. As famílias recebiam destaque em todos — nos programas dos partidos com menos tempo, ainda assim filhos e maridos ou esposas eram mencionados. No Brasil, não se deixa de votar em alguém pela falta da família (vide caso da presidente da república, Dilma Rousseff), mas aprecia-se a imagem de uma boa estrutura familiar. Gera um sentimento segurança que os marqueteiros sabem como usar a seu favor.

Além da família, as grandes figuras da política entraram em cena: Ângela Albino com Dilma Rousseff; Cesar Souza Jr. com Raimundo Colombo e a família Amin; Gean Loureiro com

Dário Berger. A presença de rostos conhecidos do cenário político não só municipal, mas também estadual e nacional pode trazer uma sensação de confiança do eleitor. Com informações como essas nas mãos, o maior problema foi a redação. Como escrever sem parecer uma colunista? Afinal de contas, não era esse o tipo de texto que eu queria. O que eu fiz aqui foi escrever várias vezes.

2.7 CAMPANHAS BATEM RECORDE DE GASTOS

Seguindo a mesma ideia de escrever com base em análise de dados, fiz a matéria econômica da grande reportagem. Foi necessário um dia inteiro e inúmeras abas do Google Chrome abertas no site do TRE-SC para conferir todos os dados e muitas, muitas contas para chegar à conclusão de que esta foi a eleição que mais movimentou dinheiro desde 2002. Uma perspectiva bem diferente da do governo federal: para manter a estrutura, fazer a manutenção das urnas e contratar pessoal, segundo o site do Tribunal Superior Eleitoral, essas foram as eleições mais baratas, com um investimento médio de R\$ 2,81 por eleitor.

Para estar bem fundamentada, somei os gastos de cada candidato, de acordo com o que eles afirmaram em suas prestações de contas e cheguei a um total que ultrapassava os R\$11 milhões. O resultado me surpreendeu, mas eu não podia afirmar nada sem saber quanto dinheiro havia circulado nas

eleições anteriores. Fui atrás das prestações de 2008, para ter uma ideia da última eleição municipal e foi então que pensei em comparar os resultados de 2012 com uma eleição maior. Só assim eu teria real noção do quão absurda (ou não) era a quantia dinheiro gasta. Foi o que fiz e, para confirmar a minha hipótese, a diferença era gritante.

Um dos problemas de uma pauta como essa, é que cada frase escrita precisa estar fundamentada. Eu queria afirmar que esta havia sido as eleições que mais fizeram circular dinheiro em Santa Catarina, mas antes, tinha que calcular quanto havia sido gasto também em 2010, 2008, 2006, 2004 e 2002. Sem encontrar dados anteriores ao ano de 2002, limitei minhas comparações por aí. Além disso, comparei as planilhas com duas outras capitais: Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS). Entretanto, mais uma vez, encontrei na escrita um desafio. Depois de todos estes dados reunidos, eu tinha muita informação para usar. Tanta informação, diga-se de passagem, que eu me perdi.

Diferente das outras pautas feitas até aqui, essa seria puramente baseada em dados oficiais e, bem... economia nunca foi o meu forte. Obviamente, eu não queria, nem podia, passar tal insegurança para o leitor. Foi necessário escrever uma, duas, três vezes e, só com a ajuda do meu orientador, Rogério Christofolletti, é que consegui direcionar os dados e construir um texto com fluxo de leitura.

2.8 NOVO SECRETARIADO E JOGADAS POLÍTICAS

Aproveitando que a apresentação da banca seria só no dia 18 de fevereiro, e a posse já havia ocorrido no primeiro dia de 2013, decidimos encerrar a grande reportagem com um texto que informasse o que aconteceu depois das eleições. Durante as campanhas, boatos corriam nos corredores das emissoras de TV de que os candidatos não se falavam e inúmeras vezes, os ataques feitos em horários políticos questionavam carreira e família dos adversários — e nenhum deles aceitava ataques pessoais.

Mesmo tendo criado um clima desagradável em Florianópolis, os partidos continuam aliados, em nome de uma figura política mais abrangente: Raimundo Colombo, como esperado, apoiou o candidato pertencente ao seu mesmo partido. Entretanto, isso não significa que o PMDB, partido de Gean Loureiro, deixou de ser seu aliado. A nomeação daquele que a população acreditou ser o “maior adversário” político de Cesar Souza Jr. para ser o Presidente da Fatma é claramente uma jogada política em troca de apoio — assim como o mesmo pode ser interpretado com a continuação de Rodolfo Pinto da Luz na secretaria da educação. E era isso que eu queria passar para o leitor. Para tal, acompanhei a posse e a nomeação dos principais secretariados.

3.0 DIFICULDADES, DESAFIOS, APRENDIZADO

Para mim, tudo foi difícil, do começo ao fim. Escolhi o tema porque ele era capa de jornal diariamente e pensei que seria uma fonte de informações inesgotável, mas não levei em consideração o meu nível de conhecimento sobre o assunto: pouquíssimo. Minhas leituras sobre política não passavam das manchetes de jornais, tweets ou posts no Facebook. Isso fez com que cada passo que eu desse, da apuração à escrita, fosse um parto cada vez maior.

Cada pergunta preparada antes das entrevistas vinha com uma carga de horas de leitura, não tinha segurança e cheguei ao ponto final da grande reportagem me perguntando se o tipo de texto que fiz era o que se esperava de um texto em editoria política. Não sabia lidar com as fontes. Não raras vezes, senti-me subestimada por não pertencer a um veículo conhecido. Fui atrasada e ignorada inúmeras vezes por assessores, apesar de insistir com e-mails e dois ou até três telefonemas por dia. E ao final, desisti e fechei o TCC sem a entrevista principal, com o candidato vencedor, Cesar Souza Jr.

Entretanto, o meu maior desafio foi o fato de ter escolhido trabalhar sozinha. Acho que foi isso que me conquistou, mas me perdi na hora de planejar o salto. Dei início às entrevistas sem ter realmente planejado cada pauta, fiz perguntas genéricas e recolhi mais informações do que cheguei a usar. Gravei as principais entrevistas e, em seguida, decupei. Fiz

algumas matérias baseadas nelas, e não o contrário, como deveria ser. Isso me consumiu muito tempo na hora de escrever, já que eu iniciava o texto e, com falta de dados, precisava novamente apurar.

Eu não sabia, e ainda não sei fazer planejamentos sem ajuda, e me perdi mais do que gostaria de admitir no deadline. Tive que aprender a ter persistência, apesar da raiva que senti repetidas vezes, quando recebi notícias como “a entrevista foi cancelada”, ou “Ah, sim, era hoje. Mas a secretária esqueceu de te colocar na agenda”. Aprendi a ter paciência e manter a postura, apesar da vontade que de vez em quando eu tinha de mandar tudo para os ares.

Acredito que o TCC representa mais do que um simples trabalho, ou uma formatura. É um passo necessário para dar início a uma nova etapa da vida que, até agora, é desconhecida para mim. O medo que senti de inicia-la e a insegurança que ainda sinto apareceram em cada dúvida sobre a qualidade do meu texto, sobre a minha capacidade e, principalmente, sobre a minha vontade de ir até o fim. Felizmente, com o término disso, vem também a necessidade de respirar novos ares e, preparada ou não, segura ou não, é hora de enfrentar novos desafios e aprendizados.